

NOTAS PRELIMINARES SOBRE O CENÁRIO ROCK UNDERGROUND EM ARACAJU-SE

Hugo Leonardo Ribeiro
Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Música
da Universidade Federal da Bahia
hugolribeiro@yahoo.com.br

Resumo: Este texto é uma introdução a uma pesquisa em andamento que tem como foco o cenário rock underground na cidade de Aracaju-SE. Busca-se estudá-la sob uma perspectiva holística, enfocando em primeiro plano as pessoas envolvidas com o fazer musical ou com sua fruição, e em segundo plano o comércio de produtos e serviços que mantêm esse grupo social (lojas de roupas, discos, acessórios, instrumentos musicais; estúdios de ensaios; organizadores de eventos; etc...). Numa tentativa de interpretar o relacionamento entre padrões de comportamento com determinados estilos musicais, e desvendar diversas redes de interação social interna e externa, o presente artigo faz uma breve etnografia dos grupos existentes, das características musicais e extra-musicais dos estilos aos quais estão relacionados, e das relações presentes entre bandas e público.

Palavras Chaves: Etnomusicologia, Heavy Metal, Rock Underground.

Abstract: This article is an introduction to a research focusing on the rock underground scenario in the city of Aracaju-SE. It tries to study this scene under a holistic perspective, focusing at first the people involved in the music making or its experience, and secondly on the merchandising and services that keep this social group alive. In an attempt to interpret the relationship between patterns of behavior and certain musical styles, and also figure out how the multiple internal and external social net work, this article does a brief ethnography of those bands and its musical and extra-musical stylistic features, and the relationship between bands and public.

Key words: Ethnomusicology, Heavy Metal, Rock Underground.

Introdução

Este texto é uma introdução a uma pesquisa em andamento que tem como foco o cenário rock underground na cidade de Aracaju-SE. Busca-se estudar essa cena musical sob uma perspectiva holística, enfocando em primeiro plano as pessoas envolvidas com o fazer musical ou com sua fruição, e em segundo plano o comércio de produtos e serviços que mantêm esse grupo social (lojas de roupas, discos, acessórios, instrumentos musicais; estúdios de ensaios; organizadores de eventos; etc...).

Primeiramente é necessário definir melhor os termos que estarei utilizando para um melhor entendimento do foco da pesquisa. Uma das acepções que o *Dicionário da Língua Portuguesa Houaiss* dá ao termo 'underground' é:

movimento ou grupo que atua fora do *establishment* [grupo de indivíduos com poder e influência em determinada organização ou campo de atividade], refletindo pontos de vista heterodoxos, vanguardísticos ou radicais. (Houaiss: 2001)

A partir dessa definição, as bandas de rock underground são aquelas que não participam diretamente de grandes eventos midiáticos, sendo quase sempre marginalizadas pela mídia e sociedade em geral, desenvolvendo dessa forma, uma rede própria de comunicação e divulgação, e uma cena¹ alternativa.

Em Aracaju, essa cena alternativa mantém-se independentemente de apoio estatal ou grandes empresas, o que não ocorre com outros contextos musicais, tais como Festivais Culturais nos quais participam "grupos folclóricos" ou bandas pop que atuam dentro do *establishment*, bandas pré-fabricadas dentro de um estilo aceito por uma grande parcela da sociedade, tais como as grandes bandas de Forró (e.g. Calcinha Preta) ou Pop-Reggae (e.g. Java). Outros grupos musicais e compositores também mantêm-se ativos de forma independente mas, o que mais chama a atenção em relação ao cenário rock underground para manter-se ativos são as negociações feitas dentro de sua multiplicidade estilística, o que não ocorre nessas outras instâncias. É possível, dessa forma, reunir num mesmo festival (vide tabela 1 de bandas que participaram do festival PUNKA-SE V) bandas *Punk*, *Hardcore*, *Death Metal*, *Black Metal*, e *Heavy Metal*, o que raramente ocorre em outros países, por causa das diferenças ideológicas entre os estilos, o que não raro acaba em violentas disputas territoriais. Em Aracaju, apesar de tais brigas ainda ocorrerem esporadicamente, há uma trégua necessária para dar continuidade à cena underground, incentivada, entre outras razões, pela carência de público, falta de espaços para a realização de shows, e pessoas dispostas a produzir esses eventos.

¹Escolho aqui o termo 'cena' de acordo com sua maior flexibilidade conceitual (Kahn-Harris, 2000: 14) e incorporarei as nomenclaturas 'subcultural, supercultural e intercultural e suas significações adotadas por Slobin (1993).

No maior festival de rock underground em Aracaju, o PUNKA-SE, o maior número de participantes chegou a cerca de 1.500, porém na maior parte dos shows ocorridos na cidade, o público não passa dos 300, mesmo contemplando diversos estilos numa mesma noite. Quando ocorrem shows somente de hardcore, como os organizados pela Cooperock (uma pequena cooperativa formada por integrantes de bandas para promover shows), o público chega a ficar na faixa de 50 pagantes. Pensando nos custos envolvidos na produção de um show, percebe-se que trégua entre os diferentes estilos é uma saída possível para um problema econômico gerado em uma pequena cidade. Mas esse não é o único motivo. Apesar da maior parte das bandas estarem ligadas ao que se chama de 'Metal Extremo' (Kahn-Harris, 2000: 14; Kahn-Harris, 2004: 99), influenciadas diretamente por bandas européias e norte-americanas, tal influência dá-se basicamente no nível sonoro-musical, não sendo totalmente incorporada a ideologia associada a tais estilos em outros países. Mas esse assunto será discutido numa outra ocasião, de forma mais profunda.

As bandas e os estilos

Para a presente pesquisa, foram coletadas informações sobre bandas que atuaram em algum show ou festival. No entanto a atual lista não é completa, e diversas outras bandas existem, muitas no entanto embrionárias, que ainda não se apresentaram como bandas no cenário rock underground. No primeiro momento, durante o show, foram coletadas informações sobre nome da banda, estilo, nomes dos integrantes e suas respectivas idades. Posteriormente foram feitas entrevistas, preferencialmente durante os ensaios, para levantar questões a respeito do estilo executado, suas características, e outras questões pertinentes à pesquisa.

Das 22 bandas entrevistadas, há uma preferência pelo *Hardcore* (5), seguidas pelo *Death Metal* (4), *Heavy Metal* (2), *Black Metal* (2), *Dark Metal* (1), *Doom Metal* (1), *Crossover* (1), *Grindcore* (1), *Punk Rock* (1), *Trash Metal* (1), *Heavy/Trash Metal* (1), *Rock'N'Roll* (1), *Power Pop* (1). A faixa etária das bandas vai dos 15 anos aos 39, com maior predominância de pessoas na faixa dos 25 anos. A maioria das bandas canta em inglês, fato explicado tanto pela influência sofrida por bandas estrangeiras, quanto pela intenção de distribuição de fitas 'demo' em países europeus, onde o metal extremo é muito difundido e cultuado. Há na verdade uma grande interação entre bandas de diversos países, em grande parte sustentada pelos fanzines² criando uma rede de comunicação e disseminação de fitas e CDs 'demo', culminando inclusive em turnês por diversos países europeus possibilitadas através de uma estrutura informal (viagens de ônibus, estadia na casa de membros de outras bandas, etc...). Essa interação

²Pequenas publicações independentes, muitas vezes escrita à mão, máquinas de escrever e ultimamente sendo muito comum a edição em computador, escritas e distribuídas por uma única pessoa ou um pequeno grupo de pessoas, com o intuito de abrir espaço e divulgar bandas novas ou já bem estabelecidas na cena underground. Berger (1999: 62) nos dá um exemplo dessa ligação nacional e internacional entre bandas de *Death Metal*.

também resulta numa uniformidade sonora, numa tentativa de quase universalização do estilo, com poucas características regionais ou nacionais. Na verdade, poucas são as bandas dentro do rock underground ou do metal extremo que demonstram alguma forma de identidade musical nacionalista, com algumas exceções como os exemplos da banda brasileira Sepultura (Kahn-Harris, 2000 e Avelar, 2004), ou a cena de metal extremo israelense (Kahn-Harris, 2002).

No entanto, devido à grande variedade estilística (vide tabela 2 de bandas e estilos) há diferenças de interpretações tanto pelos integrantes das bandas quanto pelos ouvintes quanto a participação de determinadas bandas em certos estilos, já que, algumas vezes a diferença entre um estilo e outro pode ser somente a atitude dos músicos, não tendo relação com o aspecto sonoro.

Bandas X público

Num dos primeiros textos acadêmicos sobre o *Heavy Metal*, Straw (1984) faz uma descrição geral do que seria a cultura musical *Heavy Metal*. Não é de se espantar que, apesar de já bastante modificada nos países de origem, tais características ainda sejam perpetuadas, entre as quais a predominância masculina, imagens satânicas nas mais diversas representações gráficas (camisas, capas de Cds, discos e fitas, cartazes), cabelos longos, jeans e jaquetas de couro (hoje em dia sendo mais comum camisas pretas com desenhos de capas de Cds de bandas) e o uso de drogas depressivas (hoje sendo muito comum o uso da maconha). Mas uma das características que Straw aponta, e que no momento chama bastante a atenção, é a “ausência fortes *middle-strata* entre o público e o grupo profissional.” (1984: 112).

Em Aracaju, é muito comum termos um público formado em grande parte por músicos e/ou amigos dos músicos. Ou seja, o próprio cenário underground é propício e incentivador da prática musical, não restringindo a apresentação de bandas de acordo com nível técnico instrumental. Em alguns estilos, como o *Punk*, a ideologia e atitude estão acima da própria música, havendo casos de serem admitidos para tocar em bandas, pessoas que nunca tocaram ou estudaram aquele determinado instrumento, sendo a aprendizagem feita no momento do ensaio. No entanto essa relação é variável de acordo com o estilo da banda. Uma hipótese pode ser levantada: quanto mais 'pesado' e extremo for o estilo da banda, menor o público, porém com uma maior porcentagem de pessoas que estejam envolvidas no fazer musical. Por exemplo, bandas de *Hardcore* ou *Death Metal* tendem a ter um menor público com uma maior parcela de ouvintes músicos, do que bandas de *Rock and Roll* ou *Power Pop*³. E essa é uma importante característica, pois é nesse momento fluido entre a fruição e a criação que os estilos são definidos e entendidos pelos participantes. É esse fato que leva o público a compreender e diferenciar os estilos executados por diferentes bandas, o que se torna difícil ou quase impossível para uma pessoa que não

³Nesse momento abre-se uma porta para a discussão sobre certo estilo ser mais 'acessível' do que outro. Mas, deixo essa questão para outro artigo.

tenha esse tipo de vivência. É essa mesma experiência musical que permite que o público classifique hierarquicamente grupos locais. Por isso se torna tão comum ouvirmos comentários de que essas bandas de *Heavy Metal* (termo que o leigo utiliza para englobar todos os estilos acima discutidos) são todas iguais.

Conclusão

Nesse trabalho procurei dar uma visão geral do cenário rock underground em Aracaju, enfocando principalmente as bandas existentes e respectivos estilos. No entanto, é importante notar que apesar de estar tratando de um gênero musical amplamente difundido⁴, cujas características estilísticas sonoro-musicais pouco diferem entre países geograficamente muito distantes, a relação dos músicos com sua música, com a ideologia propagada pelo estilo, e a relação entre bandas e público diferem entre diferentes contextos. É justamente essa idiosincrasia que tentarei desvendar durante as entrevistas e trabalho de campo a serem complementados.

Desde o início dessa jornada, porém, algumas questões gerais relacionadas à teoria etnomusicológica surgidas no decorrer das reflexões, já devem ser levantadas:

?? Um sistema musical ou uma subcultura musical (Slobin, 1993) pode ser entendida completamente por um outsider, ou somente um olhar êmico pode desvendar segredos não verbalizados?

?? Como transitar entre o relativismo cultural necessário numa abordagem antropológica e os preconceitos culturais já enraizados pela vivência cultural do pesquisador?

São questões que giram em torno do eterno conflito êmico-ético, mas que nunca é demais levantar, afinal não seria esse o grande mérito da antropologia cultural?

Finalizo esse texto com um breve relato desse conflito êmico-ético que vivenciei durante uma entrevista com uma das bandas. Sendo eu um guitarrista de Heavy Metal cujo estudo instrumental sempre esteve baseado nas regras teóricas da música tonal, ficava me contorcendo quando ouvia uma música cuja base harmônica me induzia a pensar num campo harmônico tonal de Mi menor e o guitarrista executava solos em diversas outras escalas, mas quase nunca a bendita escala de Mi menor. Mais intrigado eu ficava quando na entrevista estávamos falando sobre erros e se a música estava boa como foi executada na gravação, e o guitarrista respondia que era exatamente o que ele pretendia. Nesse momento eu voltava a ponderar com meus botões: “Será que ele

⁴Numa chamada de trabalhos para o livro intitulado *Metal Rules the Globe: heavy metal music around the world* na seção de música popular da *Society for Ethnomusicology* em 2002, os editores começam com o seguinte texto: “From England to Indonesia and Cleveland to Kathmandu, musicians and listeners from around the world have embraced heavy metal music” [Da Inglaterra até a Indonésia e de Cleveland até Kathmandu, músicos e ouvintes em volta do mundo cultivam a música Heavy Metal]. Ver <http://orpheus.tamu.edu/pmssem/news.html> [acessado em 19/05/2004].

está errando e não percebe seu erro (estúpido pensar isso?) ou está inconscientemente compondo músicas bitonais e atonais”⁵ Por via das dúvidas por enquanto não fico com nenhuma das duas opções, e procurarei desvendar esse “mistério” oportunamente.

Anexos

Tabela 1 – Bandas que se apresentaram no PUNKA-SE V / 2002⁶

BOSTA RALA (BA)	Punk
COBALTO 27 (BA)	trashcore
GEE-O-DIE	Grindcore
MAD MCZ (AL)	Fusão de pop, funk e hip hop
PLÁSTICO LUNAR	Rock'n'Roll
POLICULTURA MANGUEZAL	Fusão de Rock'n'Roll e música regional nordestina
RAGNAROK. (MG)	Metal
SHIVERY	grunge rock
SNOOZE.	Power Pop
TCHANDALA	Heavy metal
VIT AIS	Heavy metal
WARLORD	Heavy Metal
WORD_S GUERRILLA	hardcore
XIQUE BARATINHO	Fusão de Rock'n'Roll e música regional nordestina

⁵Numa análise de características composicionais entre bandas de rock comerciais, e bandas de Death Metal, Berger (1999: 62) explica: “Numa tentativa de evitar a harmonia diatônica ou baseada na progressão blues..., o death metal dissemina idéias que frequentemente confundem a sensação de tonalidade no ouvinte, com semitons e trítonos inesperados.” [In an effort to avoid the diatonic or blues-based harmony..., death metal seeds ideas frequently disturb the listener's sense of tonality, with unexpected half steps and tritones].

⁶Fonte: <http://www.odarainternet.com.br/supers/variedades/reverb-punka.htm> [acessado em 21/05/04]

Tabela 2 – Bandas e estilos

Nome da Banda	Estilo	tempo de existência	faixa etária	Integrante mais novo e integrante mais velho
Warlord	Heavy Metal	12	25	18 _ 32
Tchandala	Heavy Metal	08	25	20 _ 27
Atitude	Heavy / Trash Metal	06	27	17 _ 39
Substância	Trash Metal	_	20	15 _ 27
Sign of Hate	Death Metal	06	24	22 _ 25
Blaster	Death Metal	04	30	29 _ 32
Anal Putrefaction	Death Metal	12	26	24 _ 29
Enrapt	Doom Metal	03	25	19 _ 27
Scarlet Peace	Doom Metal	06	27	25 _ 28
Gothic Romance	Dark Metal	_	19	18 _ 20
Mystical Fire	Black Metal	_	_	_
Inti	Black Metal	_	_	_
Karne Krua	Punk Rock	20	30	21 _ 39
Word's Guerrilla	Hardcore	07	25	21 _ 39
Misericore	Hardcore	04	19	18 _ 20
Expresso Suburbano	Hardcore	01	18	18 _ 19
Sublevação	Hardcore	_	_	_
Corpos Cavernosos	Hardcore	_	_	_
Cicatriz	Grindcore	_	_	_
Diatrize	Crossover	04	22	21 _ 24
Cogumelos de Avalon	Rock'n'Roll	_	_	??
Snooze	Power Pop	11	25	18 _ 32

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Avelar, I. 2001. "Defeated Rallies, Mournful Anthems, and the Origins of Brazilian Heavy Metal." em *Brazilian Popular Music and Globalization*, eds. C. Dunn e C. Peronne. Gainesville: University of Florida Press. <http://www.tulane.edu/~avelar/metal.html>, consulta: 05/2004.
- _____. 2003. "Heavy Metal Music in Postdictatorial Brazil: Sepultura and the Coding of Nationality in Sound." *Journal of Latin American Cultural Studies* 12 (3): 329-46.
- Berger, Harris M. 1999. *Metal, Rock and Jazz: perception and the phenomenology of musical experience*. Hanover, London: Wesleyan University Press.
- Houaiss. 2001. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva.
- Kahn-Harris, K. 1997. "'Music is my Life'?: Discourse Analysis and the Interview Talk of Members of a Music-Based Subculture", Goldsmiths College, Sociology Working Paper No.4, London.
- _____. 2000. "'Roots'?: The Relationship Between the Global and the Local Within the Global Extreme Metal Scene", *Popular Music*, 19 (1): 13-30.
- _____. 2002. "'I hate this fucking country': Dealing with the Global and the Local in the Israeli Extreme Metal Scene", em *Music, Popular Culture, Identities*, ed. R. Young. Amsterdam: Editions Rodopi, 133-51.
- _____. 2004. "The 'Failure' of Youth Culture: Music, Politics and Reflexivity in the Black Metal Scene", *The European Journal of Cultural Studies*, 7 (1): 95-111
- Slobin, Mark. 1993. *Subcultural Sounds: micromusics of the west*. Hanover, London: Wesleyan University Press.
- Straw, Will. 1984. "Characterizing Rock Music Cultures: the case of heavy metal", *Canadian University Music Review*, 5: 104-22.